

# O CANGAÇO E A REPRESENTAÇÃO MÍSTICA DE LAMPIÃO (1920-1938)

**Marcos Edilson de Araújo Clemente**  
Doutor em História - UFRJ  
Universidade Federal do Tocantins - UFT  
Campus de Araguaína.  
[marcos\\_edilson@yahoo.com.br](mailto:marcos_edilson@yahoo.com.br)

## RESUMO

O tema da mística do cangaço é recorrente. Trata dos misticismos na cultura sertaneja como um todo. Este trabalho propõe examinar a construção mística em torno de Lampião entre 1920 e 1938. A análise se desloca para a compreensão de como o problema é representado por oficiais e soldados das forças volantes, destacados para o combate ao cangaço. Para tanto, faz-se o exame de fontes bibliográficas, memórias de oficiais das forças volantes e jornais da época. O enigma, segundo os agentes de ordem, era: Como este personagem sobreviveu a duas décadas de acirrada perseguição? O conceito de liderança carismática, Max Weber, é o vetor de interpretação sobre aspectos tais como o corpo fechado, poderes de pressentimentos ascendência, proteções, rezas e feitiços.

**Palavras-chave** – Cangaço. Lampião. Mística. Carisma.

# THE CANGAÇO AND THE MYSTICAL REPRESENTATION OF LAMPIÃO (1920-1938)

**Marcos Edílson de Araújo Clemente**

Doutor em História - UFRJ

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Campus de Araguaína.

[marcos\\_edilson@yahoo.com.br](mailto:marcos_edilson@yahoo.com.br)

## ABSTRACT

The theme of the mysticism in cangaço is recurrent. It deals with mysticisms in the backwoods culture as a whole. This work proposes to examine the mystical construction around the outlaw Lampião between 1920 and 1938. The analysis moves to the understanding of how the problem is represented by officers and soldiers of the walking forces highlighted for the fight against the cangaço. Therefore, it is the examination of literature sources, memories of itinerant official forces and newspapers of the time. The riddle, according to these agents was: How did this person survive two decades of fierce persecution? The concept of charismatic leadership, Max Weber, is the vector of interpretation on aspects such as the closed body, powers of foreboding and ascendancy, as well as protections, prayers and witchcraft.

**Key words:** Cangaço; Lampião; Mystical; Charisma.

Este artigo é parte de nossas reflexões acerca do cangaço do ciclo Lampiônico e de suas relações de poder e cultura política.<sup>1</sup> O tema da mística de Lampião segue aqui parcialmente explorado. A hipótese é que entre cangaceiros, sertanejos e integrantes das forças volantes desenvolveu-se uma mística em torno de Lampião, um conjunto de práticas e de crenças que falam do extraordinário, de poderes sobrenaturais, de um universo da magia, dos bruxedos e dos encantamentos. Mística que se particulariza na crença do corpo fechado, na invulnerabilidade, no envoltamento, na proteção mágica, no vínculo com deus, mas também com o diabo. Soldados e oficiais das forças volantes afirmaram crer em algumas capacidades místicas de Lampião, a exemplo dos poderes divinatórios, da capacidade de antever acontecimentos. Esses aspectos místicos-religiosos no cotidiano do cangaço influenciaram a ação dos homens oficialmente a serviço dos governos, alistados nas forças volantes, mas que viviam e pensavam como a massa dos sertanejos.

A religiosidade sertaneja teve um papel relevante na construção do mito no cangaço, embora não exclusivamente. No caso de Lampião, mística reforçada pela longevidade de sua trajetória à frente dos bandos, sobretudo diante das fugas inexplicáveis e do fato de não ser aprisionado. Por outro lado, a divisão dos bandos em subgrupos ajudou a consolidar esta crença. Noticiavam-se ataques simultâneos de cangaceiros em diversos pontos dos sertões, em territórios de diferentes estados, como se ele estivesse presente em todos, ao mesmo tempo. Acreditava-se na ubiquidade de Lampião, no poder de se fazer presente em toda parte. Mística que, além disso, teve suas raízes fundadas no terror, o terror místico. Lampião, tanto quanto a polícia, disseminou entre as populações sertanejas um sentimento de terror, um estado permanente de medo e pânico.

## **1. A estrela de Lampião: furando o malho da rede**

Em 1932, João Miguel da Silva, tenente do Exército, comissionado em capitão da força pública da Bahia, integrou a campanha contra o cangaço no governo do interventor Juracy Magalhães. Sua missão era organizar o serviço de rádio da polícia, aparelhando as forças volantes com um sistema de comunicação eficiente. Em Salvador, o capitão

---

<sup>1</sup> CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. *O cangaço: poder e cultura política no tempo de Lampião*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 20015.

João Miguel concedeu entrevista e falou, entre outros temas, da suposta invulnerabilidade de Lampião. Disse ele:

Os sertanejos têm a superstição de que Lampeão tem o ‘corpo fechado’, que não há bala que o alcance, nem armadilha que o colha. (...) eu não sou sujeito a superstições (...), no entanto, estou meio convencido de que o bandido tem mesmo estrela. (...) quando entreguei o comando ao tenente Liberato tinha a impressão de que Lampeão estava perdido. Pois não é que ele conseguiu furar o malho da rede? Eu quase vim convencido de que os sertanejos têm razão... (DIÁRIO DA BAHIA: 30 DE MAIO, 1931)

A narrativa acima surpreende. Afinal, entre o capitão João Miguel, oficial comandante da força pública baiana, e a camada de sertanejos, havia uma grande distância. Contudo, a crença na “estrela” de Lampião, no “corpo fechado”, arditamente admitida no caso do oficial, é uma representação comum entre ambos. Um reconhecimento como esse, todavia, não é praxe entre os oficiais, sequer entre os soldados. Esta, portanto, é uma das diferenças entre o nível militar e a camada de sertanejos.

Para o habitante das caatingas havia algo de “sobrenatural” em torno de Lampião. Assim julgava o sertanejo, o mesmo que depois poderia ser contratado pela polícia. Conforme opinião expressa no Jornal *O correio da Manhã*, em meio ao debate nacional sobre a morte de Lampião, em 1938, havia uma relação direta entre a impunidade dos cangaceiros e o reforço da crença no corpo fechado:

Aquela gente simples e boa (...) acreditava piamente na intangibilidade de Virgulino. Era um ser sobrenatural, um enviado do inferno que vinha ajustar velhas contas com os devedores do diabo. Quando se tentava afastar tal superstição, os sertanejos tinham uma pergunta: por que, então, não se apanha o bandido? (CORREIO DA MANHÃ: 31 DE JULHO, 1938)

A coincidência de pontos de vista sobre o mesmo fenômeno não deve esconder as diferentes intenções. Para o indivíduo que habitava as caatingas, a imagem de Lampião intocável correspondia a um traço cultural-religioso bastante arraigado. Dispor de corpo “fechado” seria índice de religiosidade popular, resquícios de catolicismo medieval. Euclides da Cunha entendia que a religiosidade dos sertanejos é mestiça, transposta da península ibérica no século XVI, “caso notável de atavismo (...) quando todos os terrores da Idade Média tinham cristalizado no catolicismo popular” (CUNHA:1997, p.155). Esta hipótese mostrou-se recorrente nos estudos sobre o cangaço.

Ranulfo Prata, por exemplo, entendia que a religiosidade de Lampião “é feita de um fetichismo bárbaro e abusões católicas, que se condensam em um misticismo extravagante e selvagem” (PRATA: 1933, p.30). Para Moacir Assunção, o poder de Lampião estaria “em um catolicismo de fortes características medievais, mesclado com lendas do rei Arthur, da Távola Redonda e dos Doze Pares de França” (ASSUNÇÃO: 2007, p.79). Frederico Pernambucano de Mello entende que o homem sertanejo da região Nordeste é “retrógrado”, vínculo de “uma estrutura familiar, política, econômica, moral, religiosa arcaica e arcaizante, fruto de isolamento de séculos. É conhecida a religiosidade medieval do sertanejo, capaz de facilmente resvalar em fanatismo” (MELLO: 1985, p.46)

Neste último exemplo, as assertivas são ainda mais imponderáveis, pois os termos “retrógrado”, “arcaico” e “fanatismo”, usados em larga medida na análise dos problemas brasileiros, no passado, compõem um modelo explicativo hoje superado. Por sua vez, a tese do isolamento dos sertões é questionável. Como observou Ralph Della Cava, desde o século XIX fundou-se uma vertente que explicava os movimentos religiosos de base popular como puro messianismo ou milenarismo, “tachados de fanáticos, heréticos, retrógrados, produtos de uma sociedade culturalmente atrasada”. (CAVA: 1976, p.19)

Entendemos que nos sertões da região Nordeste do Brasil instaurou-se um conjunto de crenças e de práticas mágico-religiosas, um catolicismo de base popular, diferente do catolicismo brasileiro romanizado, que não veio pronto do medievo. Ao contrário, conforme Luiz Bernardo Pericás, trata-se de uma religião “católica, híbrida, popular, milenarista, milagreira, messiânica, de santos cristãos e, certamente, mutante, maleável, modificada e influenciada por signos e símbolos místicos, africanos, indígenas: constantes intercâmbios culturais” (PERICÁS: 1976, p. 19).

A partir destes elementos, o sertanejo buscava explicar o desconhecido, o sobrenatural. Não é que o misticismo vigente entre os séculos XIX e o XX tenha sido praticado exclusivamente por sertanejos pobres, conforme uma historiografia tradicional, reduzindo um problema complexo à pura ignorância das massas desvalidas. Devemos considerar que mesmo a ciência conheceu um processo de estruturação, buscava legitimar-se aos olhos da sociedade. Contudo, esse processo de legitimação apresentou os seus próprios paradoxos. Fé e ciência não andavam assim tão distantes.

Consideremos o problema das fugas sucessivas de Lampião. O major Optato Gueiros, comandante de força volante em Pernambuco, elaborou uma estatística primária sobre alguns combates travados por Lampião nos estados da Bahia e de Pernambuco. O autor enumerou 75 combates com forças volantes, número que em balanço posterior foi estimado em 200. Escapar diante de soldados e oficiais pasmos, quando estes avançavam convictos da captura; livrar-se das balas, das facas e dos punhais; sobreviver nos casos em que o corpo fora alcançado com graves ferimentos constituiu-se para segmentos da força repressiva uma espécie de mistério.

Gueiros conheceu Lampião em 1921 e logo depois o enfrentou em vários combates. Encerrada a campanha contra o banditismo, publicou suas memórias. Ele informa que entre os oficiais “geralmente discutia-se o ‘mistério’ da fuga de Lampeão de todos os encontros havidos com a polícia, enquanto que ele se punha a salvo” (GUEIROS, 1953, p. 31). Supomos que os representantes da ordem tivessem suas próprias avaliações do fenômeno. Contudo, essas informações permaneceram no limbo, cobertas por camadas de informações objetivas e técnicas da linguagem militar. O acesso a elas dá-se por fragmentos de textos, intenções mal encobertas ou, caso aqui exposto, pelas memórias. Quantificando o histórico de fugas de Lampião, Gueiros oferece uma estatística eloquente. Entre 1922 e 1926 “foram presos e mortos mais de seiscentos comparsas do célebre bandido (...) dessa época até o fim da campanha, em 1939, foram mais de duzentos que tiveram a mesma sorte”. (1951, p. 31) Lampião, todavia, continuava incólume e dele só se via a “sombra”, termo usado pelos rastejadores para designar o rastro quase apagado. Como explicar tal “enigma”?

Para as forças volantes, Lampião seria um covarde, pois não aceitava os combates. Variando, ele teria proteção máxima de poderosos coiteiros. Contudo, uma explicação assumida pelos sertanejos e mal assumida entre oficiais e soldados apelava para o nível sobrenatural. Segundo Gueiros, Lampião possuía um dom, poder de pressentimento diante dos perigos iminentes, da presença próxima das forças volantes, a ponto de ser considerado “um quase adivinho”, poder demonstrado em situações que antecediam combates e que o levaram a conquistar “ascendência” sobre outros integrantes do bando. Temos, portanto, a atribuição de duas qualidades constitutivas da imagem pública de Lampião: pressentimento e ascendência. Associadas, por certo, mas

distintas. Por isso mesmo necessitam análise em separado. Para o oficial pernambucano, Lampião pressentia situações perigosas.

## **2. Lampião e o poder de pressentimento: “um quase adivinho”**

Vejamos alguns registros acerca do “poder” ou “dom” de pressentimento atribuído a Lampião. O primeiro se refere à fase da vida de Lampião quando este era lugar tenente de Sebastião Pereira, Sinhô Pereira, que lutava contra a parentela dos Carvalhos.

No município de Souza, no Ceará, (Paraíba – grifo nosso) Sebastião ia com fome e toda a ‘cabroeira’ em idênticas condições. Chegando numa fazenda, nada tinha a comer, a não ser milho. Sebastião ordenou que se torrassem umas pipocas. Advertiu Lampião: Compadre, em lugar de pipocas vamos almoçar é muito bala, se ainda permanecermos aqui cinco minutos mais. Sebastião ficou desconfiado (...) antes, porém, de se esgotarem os cinco minutos, estavam com tropas ao redor da casa (GUEIROS: 1951, p.133-134).

As duas narrativas seguintes tratam de eventos acontecidos nos estados de Alagoas e da Bahia. Lampião era o chefe incontestável do cangaço:

Em Alagoas, [Lampião] estava costurando uns bornais em casa de um amigo, para um ‘recruta’ do grupo. Em dado momento, fechou a máquina, juntou toda a fazenda e disse ao novel cangaceiro: - vamos, os ‘macacos’ aí vêm - (...) a casa foi logo cercada pelas forças de Alagoas e Pernambuco (Idem, p. 134).

O sargento Luiz Mariano (da força pernambucana) cercou Lampião no município de Patamuté, da Bahia, alta noite, no mato, e esperou que o dia amanhecesse para fazer fogo consciente da pontaria. Aconteceu, porém, que, nos primeiros alvares da madrugada, já estava o bandido fora do cerco, não se sabe como e, de retaguarda, fez diversas descargas sobre a tropa, fugindo em seguida ileso, enquanto deixava alguns feridos entre os soldados (Idem).

A narrativa é semelhante quanto às supostas adivinhações atribuídas a Lampião, sobretudo a primeiro e a segundo. A terceira trata dos mesmos pressentimentos, mas difere dos demais por indicar que Lampião escapa e reverte uma situação perigosa de cerco ao seu bando. Em todos eles há o pressuposto, ou a crença, de que o mesmo escapava guiado por poderes divinatórios.

Segundo informações de João Gomes de Lira, soldado da força volante de Pernambuco, a dos nazarenos, Lampião juntou-se a Sebastião Pereira somente “em fins de junho de 1921”, estendendo-se até agosto de 1922. Período em que Virgulino teria se transformado em Lampião: “nessa jornada foi quando mais se destacou Virgulino Ferreira; conquistou a confiança do chefe Sebastião Pereira e de todo o grupo. Tornou-se famoso. Seu nome cresceu”<sup>2</sup> (LIRA:1997, p.60).

Sobre os pressentimentos de Lampião e de como conquistou ascendência no bando de Sinhô Pereira, a conclusão de Lira é que “ante tudo isso, e muitas outras, Lampião já estava no grupo, como adivinho. Sebastião não fazia nada que primeiro não o consultasse” (Idem, p. 63). Nesses termos, seria também uma espécie de conselheiro. O jovem Virgulino, já batizado como Lampião, conquistou ascendência sobre os cangaceiros, inclusive sobre Sebastião Pereira. A literatura sobre este aspecto do cangaço cristaliza uma imagem de Sebastião Pereira enquanto “chefe de Lampião”. Joaquim Góis, contratado das forças volantes de Sergipe, manifestou seu estranhamento pela morte de Lampião, em Angicos: desprevenido, “pois era conhecida a sua eterna desconfiança, o instinto adivinhatório que o fazia arribar, de supetão, dos coitos quando as volantes sorratamente se aproximavam” (GÓIS:1966,p.231). Além do poder de pressentimento, representava-se Lampião como um oráculo, portador de poder de ascendência.

### **3. Poder de ascendência: o “oráculo”**

Aos 23 anos de idade, ainda sob o comando de Sinhô Pereira e enquanto lugar tenente deste, Lampião “ficou sendo o oráculo do chefe da tropa”, conforme Gueiros e Lira. A partir daí ele conquistou influência diante do seu chefe, com reforço de sua fama e de

---

<sup>2</sup> Para Mello, Lampião atuou “sob a chefia do famoso vingador do Pageú (Sinhô Pereira), na segunda fase das tropelias deste, a que vai de 1919 a 1922”. Cf. MELLO, Frederico Pernambucano. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*, p. 231. A relação de Sinhô Pereira com Lampião e, grosso modo, a relação de Sinhô Pereira com o cangaço e o mundo do crime ainda carece de estudos. O que prevalece nas narrativas é a imagem do “chefe de Lampião”, o ‘vingador’ dos Pereiras, o ‘cangaceiro nobre’. Mello associa Sinhô Pereira a Jesuíno Brilhante na conformação de “características de banditismo sertanejamente ético”. Idem, p.140. Um desvio na cristalização de tais imagens encontra-se em Grunspan-Jasmin que viu nas lutas homicidas entre Pereiras e Carvalhos disputas em torno de propriedades de terras, dissensões políticas ou rivalidades locais, concluindo que “o motivo principal era o interesse em conservar o controle sobre a região e seus habitantes”. GRUNSPAN-JÁSMIN, Élise. *Lampião, senhor do sertão: Vidas e mortes de um cangaceiro*, p.89.



seu prestígio. Assim, foi destacado por Sinhô Pereira para determinar os tempos de pouso, das refeições, do descanso e da dormida. Ascendência que se verificava, segundo os autores, inclusive durante a condução dos combates.

Tanto a fama, quanto o prestígio constituíam-se em códigos sociais e valores almejados no interior do cangaço. Em sentido geral, fama é aquilo que faz de alguém célebre, opinião de muitos sobre alguém ou algo. Contudo, diante do problema ora analisado, fama é uma condição imposta àqueles que viviam do emprego das armas, apoiando a legalidade, ou não. A estes homens, conforme Vilela, “restava-lhes responder pelas expectativas que geravam ou, do contrário, mais conveniente seria abandonar seu uso (das armas - grifo nosso) e promover-se como mansos ou pacatos” (2004, p.193).

Em um dos primeiros encontros que teve com Lampião, Sinhô Pereira estranhou o fato de ser Lampião o mais novo e ainda assim chefiar o bando:

Na fazenda Passagem do Brejo, na beira do Pajeú, pertinho do arraial de São Francisco, fui procurado por Lampião. Eles eram uns sete homens (...) A idade dele regulava com a minha: uns 24 anos. Acho que ele era até mais novo. Ele havia lutado com gente que me acompanhava. Esses homens gabavam muito o Lampião. Diziam que ele era de muita coragem. Até era esquisito: ele era o mais novo e ficou chefiando os outros. Eu considerava Lampião como um chefe também (JORNAL DO BRASIL: FEV/1969).

O reduzido grupo era basicamente um núcleo familiar, compostos por irmãos e agregados. Quanto à idade, seria Lampião mais novo que Sinhô Pereira, também o mais novo do bando e, mesmo assim, rompendo o critério de idade, fundamental para o exercício da liderança no duro ofício dos combates, Lampião chefiava o grupo. Mesmo estranhando aquela novidade, pois certamente rompia uma tradição do cangaço, Sinhô Pereira passou a tratá-lo como chefe.

Registra João Gomes de Lira que, próximo de São José do Belmonte, Pernambuco, Sinhô Pereira foi cercado pelas forças do capitão Cardim. Abrigados numa casa de taipa, vendo as balas transpassando as paredes, “Sinhô Pereira perguntou a Lampião como furar o cerco. (...) Em dado momento, viram Lampião encostar o ouvido na parede, em volta de toda a casa”. Após este procedimento, explicou Lampião, “somente uma porta recebia menos balas: furaram o cerco pela porta que Lampião determinou” (LIRA:1997, p. 134).

Neste caso já não se trata da capacidade de pressentir, mas de uma habilidade técnica demonstrada em meio a um combate. Para além, destaca-se o fato de que Lampião aconselha seu chefe em momento de importante decisão, conduzindo o bando com acerto. Uma virtuosidade de Lampião, ao modo de um artista que atinge um alto grau de conhecimento e domínio técnico. Assim, diante dele, os cangaceiros passaram a agir como se estivessem tratando com uma espécie de “oráculo”, pessoa cuja palavra ou conselho inspira confiança. Virgulino arrebatou de seu irmão mais velho, Antônio Ferreira, “toda a autoridade, conceito e primazia (...) à frente dos cabras” (Idem, p. 134).

O domínio de saberes e conhecimentos, aplicados com inteligência e até sagacidade, foi interpretado e associado a dons especiais. Assim, podemos supor que a liderança de Lampião se revestia de elementos tais como habilidades técnicas, prestígio, fama e legitimidade. Todavia, notemos que, de alguma forma, a liderança de Sinhô Pereira apresentava também essas qualidades, mais ou menos destacadas no cotidiano do grupo. Mas, será o carisma de Lampião o traço diferencial dessa relação.

A liderança de Lampião sobre o grupo e sua ascendência sobre Sinhô Pereira, deu-se por sua personalidade carismática. Há quem afirme que ele possuía uma personalidade autoritária e por isso conquistou a liderança. Improvável, segundo nosso ponto de vista. Não se conseguiria manter sob controle tantas personalidades fortes, articular um consenso por tanto tempo, mobilizar ações concretas valendo-se apenas do autoritarismo. Caberia esse perfil autoritário ao irmão mais velho de Lampião, Antônio Ferreira. Corisco é descrito de uma forma que se aproxima também desse padrão de sociabilidade. Ambos eram mandões, irascíveis, violentos em qualquer circunstância. Não abriam mão de suas convicções. Ao contrário, Lampião reunia as condições de um grande líder. Era carismático. Para compreender a noção de carisma recorremos a Max Weber. Foi a que nos pareceu mais adequada para explicar esse traço da personalidade de Lampião. Segundo Weber, carisma:

É a qualidade extraordinária que possui um indivíduo (condicionada de forma mágica em sua origem, quer se trate de profetas, de feiticeiros, de árbitros, de chefes de bandos ou de caudilhos militares); em virtude desta qualidade, o indivíduo é considerado ora como possuidor de forças sobrenaturais ou sobre-humanas – ou pelo menos especificamente extra-quotidianas, que não está ao alcance de nenhum outro indivíduo – ora como enviado de Deus, ora

como indivíduo exemplar e, em consequência, como chefe, caudilho, guia ou líder. (WEBER, apud QUEIROZ:1976, p. 27 )

Diferente dos beatos e dos messias que são vistos como enviados de Deus, Lampião exerce sua liderança carismática pelas qualidades extraordinárias, como um indivíduo exemplar. Liderança que assume dimensão de sagrado. Mas, a sacralização não se dá pela posição que ocupa no grupo, embora desde cedo ele tenha sido investido de uma posição privilegiada. Foram as qualidades extraordinárias que o levaram a conquistar autoridade e reconhecimento no bando. Desse modo, podemos dizer que Lampião é representado como um indivíduo detentor de “forças sobrenaturais ou sobre-humanas, ou pelo menos especificamente extra quotidianas”.

O tenente João Bezerra avaliou os supostos poderes atribuídos a Lampião. Comandante da força volante de Alagoas que eliminou o chefe do cangaço, em 1938, ele concedeu entrevista ao jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro: “Lampeão era um símbolo. Morto este, terminou a crença de que o cangaceiro era protegido por forças sobrenaturais” (A NOITE: NOV,1938).

Assim, a morte de Lampião, em 1938, implicaria o fim do cangaço. Aliás, este pressuposto, tão banal à época, em si afirma os poderes do chefe. Seria, ainda, a morte da lenda sobre o mesmo. Daí as cenas do cortejo com as cabeças dos cangaceiros, sertões afora. Como observou um jornal da época, aquele cortejo, que tanta indignação provocou, teria sido um gesto inútil, “mas julgado necessário para satisfazer a lenda de que Lampião tinha o corpo fechado”. (JORNAL DO COMÉRCIO: JUL/1938). Em outro periódico um articulista afirmou que sua morte teria sido uma grande proeza. E concluía: “fazê-lo, porém, de modo a que o povo do Nordeste pudesse ver a cabeça decepada, foi muito maior proeza, porque foi a morte da lenda que cercava o seu nome fatídico” (A NOITE: AGOSTO, 1938).

A degola foi uma prática aplicada a muitos cangaceiros. Da mesma forma, quando os soldados volantes eram capturados, raramente escapavam desse tipo de violência. Também o governo republicano praticou a degola, ritual de terror registrado em Canudos. No arraial despontou o coronel Moreira César que investiu sobre os sertanejos com a fama de “corta cabeças”. Morto em combate, foi degolado pelos jagunços. Assim aconteceu com o próprio Conselheiro. Os sentidos dados a cada um desses casos é variável. Como explicou o tenente José Bezerra, conduzir as cabeças de Lampião e dos

outros foi um gesto prático já que não poderiam transportar os corpos. O que se comprovou depois foi que o cortejo fúnebre pelas vilas, cidades dos sertões e algumas capitais, foi a ritualização do poder dominante no sentido de desfazer duas décadas de crença na aura invulnerável de Lampião.

#### **4. Corpo invulnerável**

Encontramos o mesmo ponto de vista sobre a invulnerabilidade de Lampião nas memórias de Felipe Borges de Castro. Oficial de alta patente da polícia militar do estado da Bahia, Castro foi um dos comandantes das forças das operações de perseguição a Lampião e seu bando, entre 1929 e 1940. Ele interpreta o “dote” conferido a Lampião como forma de astúcia. Lampião era malicioso, inteligente e, sendo analfabeto, supria a lacuna da instrução pela astúcia, aliada ao senso de oportunidade. De modo que o cangaceiro “utilizava-se desses dotes que, na maioria das vezes em difícil situação, se saía magnificamente bem, fazendo crer aos seus comandados a certeza de sua invulnerabilidade” (CASTRO: 2008, p.140).

Desse ponto de vista a invulnerabilidade seria uma construção cotidiana de Lampião, gesto de sabedoria, estratégia com o objetivo de consolidar a sua imagem pública, enfim, o modo pelo qual ele conferia poder e ascendência sobre os seus e sobre os inimigos. Na mesma perspectiva, consta em um relatório circunstanciado sobre Lampião, enviado ao presidente Getúlio Vargas que, entre as táticas usadas por ele, uma consistia em “ter habilidade para, através de lances de esperteza, fazer crer ao povo inculto e simples do nosso interior possuir ‘corpo fechado’ às balas dos nossos perseguidores”. (JORNAL DO RECIFE: MARÇO, 1931)

Além da crença, históricos de violência exacerbada e o requinte com que eram praticadas marcaram fundamente a consciência dos indivíduos simples. Segundo estimativas de Optato Gueiros, até o fim de sua carreira, Lampião assassinou mais de 1.000 pessoas, incendiou umas 500 propriedades, matou mais de 5.000 rezes e violentou mais de 200 mulheres (GUEIROS: p.11). Esse sentimento de terror espalhou-se no grosso da tropa de perseguição, “fato que se percebia, claramente, quando feria-se o combate e se constatava a presença de Lampião no fogo” (CASTRO: p.142) Criou-se,

assim, entre os campanhistas, a crença na mística de Lampião. Conforme Felipe de Castro, essa forma de superstição deu trabalho para ser destruída:

(...) chegou a conseguir passar, entre os coiteiros supersticiosos, como homem invulnerável. O que felizmente se conseguiu através de catequese rigorosa, inclusive no meio dos catingueiros, quase que dominados pela neurose Lampiônica. Passado o efeito da mística, já Lampião não era mais preocupação para as volantes que o enfrentavam desassombradamente (...) sua fama de inatingível desapareceu. (Idem)

Contudo, essa “mística” nunca chegou a desaparecer. Pelo contrário, avolumou-se entre os sertanejos e entre segmentos consideráveis da tropa volante. Isso não significa que o combate, com o passar do tempo, não tenha sido mais eficiente. Os números apresentados até aqui comprovam isto. Basta comparar o montante financeiro gasto nas campanhas, o equipamento cada vez atualizado posto em ação, sobretudo o telégrafo, a aquisição de armas de última geração, o treinamento dos contratados entre outros aspectos. Aliás, a máquina de repressão ao cangaço, azeitada em conjunto com as esferas local, estadual e federal explicitam o teatro de poder, conforme as campanhas de repressão ao banditismo.<sup>3</sup>

Porém, a imagem de Lampião invulnerável crescia, mantendo-se até a sua morte. Naturalmente, o mesmo não vale para o campo da memória coletiva, território de expansão desta crença. Dele, depois de morto, lembravam como construiu sua “auréola de invencível, sem se arrepiar de que uma bala salvadora lhe atravessasse o corpo, ferindo-o mortalmente, jogando por terra a sua falsa mística de corpo fechado” (JORNAL ARACAJU: 30 DE JULHO, 1938). Outro periódico informa que ele – Lampião – fixou-se na crença do povo por suas “artes diabólicas”, pelo “pacto com o diabo” para concluir que “quando cercado pelas forças, em ocasiões difíceis de fugir, envoltava-se, deixando a tropa boquiaberta”. (CORREIO DE ARACAJU: 2 DE JULHO, 1938).

Destacamos no texto acima o lugar da fala. São notícias de jornais, difundidas no litoral e nos sertões. Observamos a produção de centenas de reflexões deste tipo por ocasião da morte de Lampião, mas elas foram sucessivas também enquanto ele viveu no cangaço. Em um artigo intitulado *Os crimes do bandoleiro*, José Sertão informa que sob

---

<sup>3</sup> Cf. *Ordem e desordem*: as forças de combate ao banditismo, in: CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. *O cangaço: poder e cultura política no tempo de Lampião*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2015.

dura perseguição das forças volantes “(...) Lampeão toma a decisão extrema de se internar no Raso (da Catarina). E desaparece como por encanto”. (BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO: 1933, p.1). Em janeiro de 1938, reaparece ao público a notícia da suposta morte do bandoleiro, “vítima de pertinaz tuberculose, numa fazenda em Sergipe”. Entre as inúmeras especulações sobre a decantada morte, espécies de falsetes, uma teria levado Austregésilo Athayde a afirmar que o cangaceiro havia morrido na cama “como uma donzela romântica”:

A figura de ‘Lampeão’ parecia um mitho. Durante quinze annos, as polícias de seis estados viveram no seu enalço e em todas as refregas o bandido saiu ileso e victorioso. Dir-se-ia que ele era protegido por amuletos, aos quais a credence popular atribue a virtude incomparável de fechar o corpo dos seus portadores aos efeitos das balas. Morreu agora na cama, victima de tuberculose, como uma donzela romântica. (DIÁRIO DA NOITE: JANEIRO, 1938)

Entretanto, os amuletos de Lampeão pareciam mais poderosos do que a retórica de Athayde. Para o desespero de muitos, o *brigand* continuava vivo, e atuante. Desespero, inclusive, para as forças repressivas que tratavam o problema como uma espécie de enigma. Sabiam que quando Lampeão desaparecia, quando os rastejadores desencontravam os rastros, ele reapareceria em qualquer parte, mais violento. Para os contemporâneos de Lampeão, a invulnerabilidade do chefe de cangaço seria explicada a partir de fatores sobrenaturais. Como observa Grunspan- Jasmin: “esse herói seria dotado de poderes mágicos, recorreria à bruxaria para vencer seus inimigos, alguns dizem até que teria selado um pacto com o diabo e se tornado imortal” (2006, p.30).

Observamos que tal poder não foi atribuído a outro cangaceiro, embora dezenas deles tenham construído sua fama popular pelo atributo de valentia, representações de terror e até capacidade de praticar gestos nobres na vida do crime. Aqueles que resistiram aos dois decênios de embates com a polícia, caso de Luís Pedro Cordeiro, o Luís Pedro, amigo e compadre de Lampeão desde o início de suas aventuras, não atraíram sobre si nenhum indício de “corpo fechado” ou de outras proteções mágicas.

As consequências desse suposto poder atingiram também os soldados que lhes davam combate, estupefatos diante de suas façanhas. Dado que boa parte dos soldados era de origem sertaneja e, portanto, partilhava do mesmo universo de crenças cotidianas,

explica-se porque eles costumavam demonstrar medo e relutância quando enfrentavam Lampião, muitos tendo precocemente abandonado o campo da luta. Atitude que fatalmente incorria no recolhimento do armamento, do fardamento e na exclusão do soldado “por covardia”. (BOLETIM GERAL DA POLÍCIA DE PERNAMBUCO: 18 FEV 1925). Em final de 1926, desertaram à noite sete soldados quando as tropas se organizavam para combater o grupo de Lampião que se encontrava próximo da Serra do Uman. O comando das forças excluiu os soldados “como covardes e indignos”. (IDEM, 24 NOV, 1926). A narrativa abaixo, colhida de soldados, indica como na prática do combate havia a crença segundo a qual as balas dos cangaceiros somente atingiriam a cabeça.

Esse terror místico já se apoderou também de muitos soldados volantes (...) A si mesmo ele (Lampião) reserva a incumbência de falar em nome dos santos e do diabo, A soldadesca se apavora. E como crê que as balas dos bandidos só atingem a cabeça, procuram escondê-la e dão tiros sem fazer pontaria. Essa a razão porque Lampião e seus sequazes geralmente não têm baixas nos combates, enquanto que sem conta são as vidas dos soldados que se perdem. Um soldado afirmou a uma pergunta minha: Aquilo não é homem. É Deus ou demônio. Igual a mim é que não é. (O CRUZEIRO: MARÇO DE 1932)

De acordo com as informações acima, Lampião conduzia a luta a seu modo. Isso significava, primordialmente, difundir o terror entre seus inimigos. Vencer pelo medo, como o que levava o soldado a “esconder” a cabeça e a não fazer pontaria. Daí, lutavam deitados! Aspecto ressaltado por José Rufino, famoso chefe de volante, na Bahia:

O soldado que deitasse tinha que ser excluído, tinha que brigar em pé, como bandido também não deitava, era em pé, porque na caatinga fechada a gente em pé está avançando em consciência, e atirando com consciência. Deitado na caatinga fechada ninguém vê o outro. A ordem que nós tínhamos era essa: para não deitar e brigar avançando, todo mundo. (IN: QUEIROZ: 1977, p. 17)

Considerando-se as influências culturais acima mencionadas, podemos pensar particularmente nas práticas de “fechamento do corpo” enquanto consequência de um conjunto de cuidados cotidianos, desde simples gestos, crenças, premonições diante de fenômenos naturais, mas também diante do desconhecido. O cangaceiro portava um conjunto de orações cujos textos prendiam-se ao corpo do mesmo em forma de escapulários, ou seja, alguns objetos de devoção ou relíquias atadas por dois quadradinhos de pano bento, com orações escritas. Ao lado das orações e rezas fortes, a prática dos feitiços povoava o cotidiano do cangaço, tanto quanto da polícia.

## 5. Proteções: rezas e feitiços

As práticas de fechamento de corpo incluíam elementos da cultura religiosa católica, conforme já indicamos. Mas, quase que despercebidos, localizamos uma série de alusões às chamadas práticas de “bruxarias” e de feitiços. Práticas descritas por Abelardo Montenegro: Os cangaceiros “pagavam (segundo determinações de bruxas a que obedeciam) a mulheres hipócritas de Igrejas para furtarem hóstias consagradas e entregarem a eles, para estes, colocando-as no corpo, ficarem de corpo fechado contra qualquer facada ou qualquer balaço”. (MONTENEGRO: 1973, p.204/205)

São estes os elementos. Práticas, saberes e tradições, fundamentais para o sucesso das crenças. Implicavam, por outro lado, estratégias de sobrevivência do bando. No cangaço Lampiônico, havia uma ênfase na mística dos objetos de ouro, prata, alumínio e aço. O chapéu de couro de Lampião era ornado com seis sinos de Salomão; testeira de couro afixadas moedas e medalhas – duas com gravação *Deus te Guie*; uma moeda brasileira de ouro com a efígie de *Petrus II*, de 1855; bandoleira do mosquetão enfeitada com sete escudos de prata do Império e um saquinho contendo sete orações. Destas, talvez a mais conhecida seja a *Oração da Pedra Cristalina*. Ela invoca os poderes de uma pedra achada no mar entre o cálice e a hóstia consagrada. É um documento/monumento da sabedoria popular e de suas salvaguardas cotidianas: “salvo fui, salvo sou e salvo serei. Com as chaves do sacrário eu me fecho”. Como esta, ao morrer, Lampião portava mais seis orações. A matéria comum a todas é a invocação dos poderes de Jesus Cristo que aparece como a divindade central, o “verdadeiro Deus”.<sup>4</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os governos e para os militares envolvidos na captura de Lampião, o discurso do “corpo fechado” serviria para minimizar os seguidos insucessos da perseguição, os furos na malha. Disso Lampião se aproveitava e reforçava sua aura de invencível. Em Novo Amparo, povoado sergipano, Lampião almoçou com quatro velas acesas nos cantos da sala, “fazendo a sua hospedeira acreditar que era senhor de rezas fortes que o protegiam” (PRATA: 1933, p. 42).

---

<sup>4</sup> Disponível no *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, em Maceió.



As táticas ou os artifícios de Lampião no sentido de alimentar sua aura de invencibilidade funcionaram bem. Para isso concorreram muitos aspectos, conforme vimos. No entanto, de todos os mecanismos aplicados para esse fim, entendemos que um teve eficácia especial. Trata-se do chamado terror místico. O termo não é nosso. É da época, digamos assim. Localizamos referências em jornais, em livros, em documentos dos governos e da polícia. Porém, quase sempre se empregava o termo para referenciar a violência praticada por Lampião. Acreditamos que a mística do terror se consolidou também por conta das inomináveis violências praticadas pelos agentes da ordem, pelas polícias volantes. Cangaceiros e volantes, revestidos de poderes sobre a vida e a morte, aplicaram indistintamente nos sertões uma violência desmedida.

Dizia-se que Lampião era o terror do sertão. Isso implica reconhecer que a tática de intimidação violenta predominava. Devemos atentar para a origem dessa tática, componente fundamental nas lutas de vingança familiar. O princípio era provocar o temor, vingar de maneira atroz, sem regras. Como afirmou Costa Pinto, “é uma batalha na qual é preciso vencer para sobreviver; todos os meios são bons; todas as perfídias permitidas. A nobreza da causa – defesa do grupo – justifica os processos mais desleais, a generosidade e o cavalheirismo desaparecem na vingança” (PINTO: 1980, p. 12).

Em Lampião, observamos esses princípios da prática social da violência. Porém, não mais nos quadros exclusivos de *vendetta* familiar, do qual se desliga em proveito próprio. Depois deste ciclo de vinganças, ele rompe as fronteiras estritas dessa modalidade de luta, denominada por Pedro Calmon como “familismo” (CALMON: 2002, p.141). Contudo, manteve e aperfeiçoou no cangaço a imprevisibilidade violenta que dirige a vingança, o requinte da crueldade. Dessa forma, com essa compreensão, aplicou sua ira não apenas aos agentes da ordem, mas aos civis, a camada de sertanejos pobres ou ricos, brancos ou negros, homens ou mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora**: história dos grandes inimigos de Lampião. Rio de Janeiro, Record: 2007.

- BASTIDE, Roger. **Brasil: Terra de contrastes**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.
- CALMON, Pedro. **História Social do Brasil: Espírito da sociedade colonial**. (1937). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos (1902)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1997.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. (1963). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- GRUNSPAN-JASMIN, Èlise. **Lampião, senhor do sertão**. Vidas e mortes de um cangaceiro. São Paulo: EDUSP, 2006.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: o banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: FUNDAJ/Ed. Massangana, 1985.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973.
- PAIVA, Eduardo França. **Milícias negras e cultura afro-brasileiras: Minas Gerais, século XVIII**. Belo Horizonte: Departamento de História – Universidade Federal de Minas Gerais, s.d.
- PRATA, Ranulfo. **Lampião: documentário**. 2ª ed. São Paulo: Piratininga, 1933.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PINTO, Luís Aguiar da Costa. **Lutas de famílias no Brasil: introdução ao seu estudo**. (1949). São Paulo: Ed. Nacional; Brasília – INL, 1980.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-ômega, 1976.
- ROCHA, Melchiades da. **Bandoleiros das caatingas**. (1942). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- VILLELA, Jorge Luís Mattar. **O povo em armas: violência e política no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. México: Foundo de Cultura, 1944, V. I.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976

## MEMÓRIAS DE OFICIAIS DAS FORÇAS VOLANTES

CASTRO, Felipe de. **Derrocada do cangaço** (1975). Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008

GUEIROS, Optato. **Lampeão: Memórias de um Oficial ex-comandante de forças volantes**. (1953). São Paulo: Casa Livro Azul- Campinas, 1953.

GÓIS, Joaquim. **Lampião: o último cangaceiro**. Aracaju: Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, (Livraria Regina), 1966.

LIRA, João Gomes de. **Lampeão: memórias de um soldado de volante**. Prefeitura Municipal de Floresta. Pernambuco, 1997.

## PERIÓDICOS

Jornal *Diário da Bahia*. Salvador, 30 de maio de 1933.

*O Correio da Manhã*. Salvador, 31 de julho de 1938.

*A Noite*. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1938.

*Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 31 de julho de 1938.

*Jornal do Recife*, 25 de março de 1931.

*Diário de Pernambuco*, 27 de abril de 1937.

*O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 5 março de 1932

*Boletim Geral da Polícia de Pernambuco*, nº 256. 24 de novembro de 1926.

\_\_\_\_\_, nº. 37 e 38, respectivamente de 17 e 18 de fevereiro de 1925.

*Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1938.

*Sergipe-Jornal*. Aracaju, 30 de julho de 1938.

*Correio de Aracaju*. 2 de agosto de 1938.

*Boletim Bibliográfico Brasileiro*. 1933, p. 1.

*Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1938.

*Jornal da Semana*, junho e outubro de 1973.

*Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1969.

Recebido em 31 de maio de 2018

Aprovado em 13 de julho de 2018